

Martinho Lutero na Pedagogia

VIVIA a Alemanha, como de resto grande parte da Europa, uma crise de carácter religioso, económico, moral e social, quando apareceu no século XVI essa figura empolgante de revolucionário que foi Martinho Lutero.

Aqui, interessa-nos especialmente apreciar a acção pedagógica desta figura máxima da Reforma, que, se nos não apresenta teorias novas, contribuiu pela sua enérgica atitude para modificar vantajosamente a organização escolar da sua época e da qual ainda hoje vigoram certos princípios nos nossos estabelecimentos de ensino.

Até então as escolas viviam um ambiente duro e passivo. A frequência aos ginásios diminuía. O principal método de ensino consistia em sobrecarregar a memória dos alunos com conhecimentos vastos e mal seleccionados. Imperavam as normas escolásticas, embora um tanto favorecidas já pela cultura humanista. Lutero sentiu bem a impropriedade dessas escolas que êle alcunhou de «estábulo de burros com dois pés» e aconselhou a sua remodelação. Auxiliado por Melancton, vulto de relevo também, fundou e organizou diversos estabelecimentos de ensino na Saxónia e na Turquia. Apellou para o bom-senso das autoridades, rogando-lhes atenção para a grande necessidade de criarem escolas. E' interessante e significativa esta passagem duma das suas cartas:

«Suplico-vos, caros amigos e senhores, acolhai favoravelmente os meus escritos e os meus conselhos. Procuvo o nosso interesse e o de toda a Alemanha. Vemos por todo o país caírem as escolas, os ginásios não têm alunos... E' Satan quem sugere aos homens este esquecimento da educação das crianças... Isto é grave e importante. Se todos os anos se emprega tanto dinheiro em comprar máquinas de guerra, construir estradas, restabelecer pontes e muitos outros objectos de utilidade publica, porque não empregá-lo, com mais vantagem ou pelo menos com tanta, para pagar a professores, homens activos e inteligentes, capazes de elevar e instruir a nossa juventude?»

Por aqui se verifica o equilibrado pensar do autor, ao considerar o ensino o meio mais eficaz no progresso dos povos.

Atribui ao Estado a obrigação de fomentar a educação dos filhos da pátria, proporcionando-lhes centros instrutivos adequados onde não falem bibliotecas.

Tendo sido um exemplar chefe de familia, formando com a sua inteligente companheira, Catarina de Bora, um lar virtuoso, onde hábilmente educaram seus filhos, êle reconheceu na maior parte dos pais insuficiência de preparação e cuidado. Por isso preconizou a obrigatoriedade escolar. «Temos entre nós mestres distintos e sábios, muito aperfeiçoados no estudo das línguas e no conhecimento das outras artes e que poderão prestar os maiores serviços se os utilizarmos na formação da juventude».

Mas Lutero, que vivera e saíra do seio do povo—seu pai era mineiro em Eisbeben—facto de que tanto se orgulhava, aprendera d'êle todas as suas características e ambições. Para tornar prática a obrigatoriedade escolar, aconselhava apenas 2 ou 3 horas de frequência ás crianças, de forma a não roubar os filhos ás lides e necessidades caseiras.

Desta maneira suaviza também o ensino, ao contrário do que sucedia anteriormente, pois em certas escolas—as monásticas—são um exemplo—além dos longos exercícios religiosos, obrigava-se a criança a estudar durante 6 horas diárias sem intermitência de férias.

Os castigos corporais sem serem totalmente condenados, pois que Lutero admitia-os em casos especiais, devem aplicar-se muito raras vezes. E' interessante registrar os seus desejos de suavizar a disciplina, visto ter êle sido educado num meio familiar verdadeiramente violento, a ponto de ser 15 vezes castigado numa manhã por sua mãe.

Lutero parece-nos verdadeiramente grande, quando aconselha o máximo respeito pela individualidade infantil. Condena os maus exemplos dos adultos para que o espirito das crianças se forme com inclinação natural para a prática do bem, principio este mais tarde exaltado por Rousseau nesta sua tão conhecida frase: «A criança é naturalmente boa, a sociedade é que a corrompe».

Coloca em primeiro plano a honestidade, a dignidade, manifestando somenos importância pelas riquezas terrenas. «A prosperidade de uma cidade não depende sómente das suas riquezas naturais, da solidez dos seus muros, da elegância das suas casas, da abundância de armas nos seus arsenais; a saúde e a força duma cidade residem, sobretudo, na boa educação que revelem os seus cidadãos instruidos, reflectidos, honestos e generosos».

Indigna-se contra o espirito da nobreza medieval, por na sua ignorância livremente consentida declinar o direito e utilidade da instrução em exclusivo do clero. Aponta-lhes as vantagens do saber no desempenho dos diferentes cargos públicos com a preocupação de combater o facto tão vulgar nessa época de haver funcionários que nem sequer sabiam ler ou escrever. Para o aperfeiçoamento da creança religiosa não esquece a amenização das práticas nos templos, acentuando a introdução de cantos e da música, por que considera esta como o meio mais eficaz de tornar os homens bons e tolerantes. Dá para o mesmo fim particular interesse ao estudo das línguas, principalmente o grego e o latim, por meio das quais se pode obter melhor o conhecimento dos principios bíblicos. Lutero revela nestas idelas certa influência da sua educação humanista e escolástica, visto que não dá a preferência á lingua materna no ensino, como o havia de preconizar mais tarde o grande Comênio. Introduce nos programas as ciências naturais que servirão aos educandos para conhecerem melhor a grandeza do Universo.

São estes os principios gerais da obra de Lutero que o celebrariam na História da Educação e nos quais bem se vê o desejo que o norteou ao elaborá-los: um acentuado empenho de bem servir a sua pátria e a humanidade.

François Gueux, iminente pedagogista francês, disse a seu respeito:

«Servido por uma inteligência clara, qualidades de coração excepcionais e uma energia indomável, Lutero conseguiu uma obra gigantesca e foi o iniciador dum movimento escolar poderoso».

MANUEL INACIO DE FARIA

O LIVRO E A MORAL (Continuação da pág. 5)

amanhã—com um mundo fictício, onde não cabe o ramerrão caseiro, a existência mediocre, que a maior parte d'alas está destinada a viver.»

E, insurge-se ainda, mais ladramente, quando se refere «à moral lírica de João de Deus e de Junqueiro, o poeta dos *Simples*, a quem fecharam, em nome de uma falsa moral, as portas de certas bibliotecas, onde os *simples*... iam recrear o seu espirito; a moral, serena e linda de todos êsses livros em que se exalta o amor fecundo, criador, êbrio de posse e de seiva, onde se bendiz o ventre fecundado e o bendito fruto do seu amor. Nada pode ser mais moral que o beijo que gerta a vida...»

Levar-nos-ia longe a apreciação do magnífico trabalho que Alice Ogando leu, a semana finda, a meia dúzia de pessoas curiosas, entre as quais tivemos o prazer e o desprazer de nos contarmos.

Ficamos, pois, por aqui: Contudo, queremos afirmar a Alice Ogando, como a mais eloquente e a mais sincera prova do nosso aprêço que, quando um dia êste jornal, no propósito em que está seriamente empenhado, de espalhar saber ás massas incultas do país, decidir realisar uma longa série de conferências, será possível reunir, para a comunhão espiritual de a ouvirem, algumas centenas de pessoas, que ainda não perderam a cabeça, e ainda sabem homenagear o talento e a virtude excelsa de pensar!

Colaboradores eventuais

«Sol Nascente» que acolhe em sua casa a colaboração dos não consagrados e dos novos com o mesmo entusiasmo com que acolhe a dos valores intelectuais que nêle colaboram, incita os que tenham alguma coisa a dizer aos homens do seu tempo a aproveitar-se das suas colunas. Porém, terão de sujeitar-se ao nosso critério de selecção, de oportunidade e de mérito daquillo que nos enviam.

Não nos sentimos, pois, obrigados a publicar a colaboração vinda dos colaboradores eventuais, e que não solicitamos particularmente. Seguimos a norma de não devolver os originaes que nos são remetidos.